

OS JUSTOS DE ANDRÉ SCHWARZ-BART, AMÁLGAMA DE TRADIÇÕES E MITO PARTICULAR

Antônio DEVAL Neto¹

Resumo

André Schwarz-Bart (1928-2006) partiu de uma lenda popular do judaísmo para criar seu romance *O Último dos Justos*, que conta a história de uma família de judeus desde a Idade Média até meados do Séc. XX. Tal lenda consiste na existência de trinta e seis pessoas sobre as quais o mundo repousaria, mas novos elementos foram adicionados a ela. Este artigo pretende apresentar as tradições às quais o autor se refere e utiliza para recompor o mito dos trinta e seis justos ocultos. O amálgama que Schwarz-Bart faz para compor seus personagens engloba duas figuras de Tzadikim e um aspecto não presente na lenda original. Basicamente, são os Tzadikim do Chassidísmo que serviram de inspiração para construção dos justos e a imagem deles foi transplantada para a lenda dos Lamed-Vav à qual foi adicionado um elemento estranho a ela, o sofrimento, o que o torna um mito particular.

Palavras-chave: Tzadikim, Último dos Justos, Schwarz-Bart.

Resumé

André Schwarz-Bart (1928-2006) s'est servi d'une légende populaire du judaïsme pour écrire son roman *Le Dernier des Justes* que raconte l'histoire d'une famille de juifs depuis le Moyen Âge jusque la moitié de siècle XX. Cette légende consiste en l'existence de trente et six personnes sur qui le monde est reposé, mais, de nouveaux éléments sont à elle mêlés. Cet article-ci a l'intention de présenter les traditions auxquelles l'auteur fait référence et exploite pour recomposer le mythe des Trente et Six Justes Cachés. L'amalgame faite pour Schwarz-Bart en composant ses personnages réune deux figures de Tzadikim et un aspect non présent dans la légende original. Sont les Tzadikim du Hassidisme qu'ont servis de inspiration à la construction des justes et leurs image ont été transférée à la légende des Lamed-waf à laquelle fut mêlé un élément étranger, la souffrance que la transforme en un mythe particulier.

Mots-clés: Tzadikim, Le Dernier des Justes, Schwarz-Bart.

¹ Mestrando em Teoria e História Literária – Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp.

No romance *O Último dos Justos*, André Schwarz-Bart apresenta a saga de uma família de judeus que começa na Idade Média e termina nos fornos de Auschwitz. A saga tem início com um massacre na cidade inglesa de York em 1185, onde o Rabi Yom Tov Lévy é encarregado de matar com uma adaga a toda a comunidade que escolhera morrer a se batizar. Seu filho caçula, Salomão Lévy, foi salvo milagrosamente e, em recompensa à “agonia solitária” de seu pai (SCHWARZ-BART, 1986, p. 6), Deus deu à sua descendência a honra de ter um dos trinta e seis justos a cada geração.

Salomão Lévy começa a dinastia de justos que vai atravessar toda a história da Europa até o ano de 1943, quando o último descendente dela, Ernie Lévy, é morto nas câmaras de gás e desaparece nos fornos crematórios de Auschwitz. Schwarz-Bart usa para compor seu romance um elemento muito popular da cultura judaica, principalmente da cultura yidish, os lamed-vav, lamed-vavinik ou lamed-vovink, que seriam trinta e seis pessoas justas das quais depende a sustentação do mundo.

A figura do justo ou tzadik (צדיק), em hebraico, está presente na tradição judaica desde tempos muito antigos. Ele aparece em um versículo dos Provérbios de Salomão² e a tradição talmúdica conhece diversas declarações sobre essa figura que corresponderia em dignidade aos patriarcas (SCHOLEM, 1994, p. 48). Segundo a tradição bíblica e talmúdica, Noé teria sido o primeiro tzadik, e só por isso a humanidade não fora totalmente destruída durante o dilúvio e o “plano histórico” foi salvo através de seus filhos e de sua arca. A Cabala – tradição mística judaica – reserva um lugar especial para esse personagem, são inúmeros os tratados e lendas sobre eles.

Sabe-se do caráter excepcional da cultura judaica, que se espalhou por uma vasta extensão geográfica, absorveu várias línguas e se influenciou por várias culturas muito distintas umas das outras, o que resultou em comunidades tão diferentes entre si como os povos em que habitavam, como, por exemplo, os sefaradim, de origem ibérica e os ashkenazim, de origem franco-eslavo-germânica. Contudo, ainda que essas diferenças se manifestem nos costumes, na forma de observância do judaísmo, nas línguas usadas por essas comunidades (o ladino para os sefaradim e o yidish para os ashkenazim), etc., a figura do tzadik está presente em todas elas.

Segundo o misticismo judaico existiriam dois tipos de tzadikim: os nistarim (נסתרים), ocultos ou incógnitos, e os mefursamim (מפורסמים), revelados ou conhecidos. Os dois grupos

² Provérbios 4:18.

tem os mesmos atributos: observância da lei, bondade, piedade e beatitude, mas os nistarim vivem em um grau moral mais elevado por serem desconhecidos e com isso evitam a vaidade, que é inerente à vida pública (SCHOLEM, 1994, p. 52). Qualquer um pode ser um tzadik nistar e, geralmente, as lendas que envolvem esse tipo de personagem falam sempre de sapateiros, shochet (abatedor ritual), mendigos e até mesmo bandidos e eles se esforçam para continuar na obscuridade e, muitas vezes, seus atos são contraditórios à sua condição de justo exatamente para mantê-la em segredo. Sempre que um nistar é descoberto ele morre ou muda de cidade.

De acordo com a tradição cabalística e talmúdica, o mundo só se mantém por causa dos tzadikim, são eles que permitem a existência e Deus criou o mundo somente por eles. Quando Abraão intercede junto a Deus por Sodoma³, ele pede para que a cidade não seja destruída se ali se encontrassem dez justos, no que concorda Deus. Somente a existência desses justos poderia ter salvado Sodoma e o Vale do Kikar de serem destruídos (cf. KAUFMANN, 1976). Então, sempre é necessário um número de justos, nistarim ou mefursamim para que o mundo continue, e se um desses justos morre, imediatamente outro toma seu lugar, pois o equilíbrio do universo depende deles.

Em *O Último dos Justos*, o tipo de tzadikim escolhido pelo autor é um tipo especial, como já dito, os lamed-vav, que, segundo o narrador

Em nada se distinguem dos simples mortais; muitas vezes, eles próprios se ignoram. Mas, se acontecesse faltar um só deles, o sofrimento dos homens envenenaria até a alma das criancinhas e a humanidade sufocaria num grito. Porque os lamde-vav são o coração multiplicado do mundo e neles se derramam todas as nossas dores, como num receptáculo... os mais lastimáveis são os lamed-vav desconhecidos deles próprios. Para esses, o espetáculo do mundo é um indizível inferno. (SCHWARZ-BART, 1986, p. 5-6)

Nessa pequena passagem, temos um amálgama onde se misturam, pelo menos, quatro representações dos justos: o justo oculto (tzadik nistar); o justo conhecido (tzadik mefursam); o lamed-vav e o justo sofredor.

Os Tzadikim Chassidim

³ Gênesis 19-20.

Uma figura de justo usada por Schwarz-Bart para compor seus personagens é um tipo de líder espiritual do chassidismo⁴ tardio, o tzadik. Essa figura central do movimento chassídico, quando este se torna uma organização religiosa de massas, consistia em um líder religioso/espiritual de uma comunidade, muito influente e “cuja paixão pelo poder atua mesmo entre aqueles profundos teóricos do tzadikismo, que desenvolveram a doutrina do tzadik” (SCHOLEM, 1972, p. 338). Esses Tzadikim conseguiram em suas comunidades e no movimento chassídico, além de um poder imenso, o status de um “Messias não messiânico” (Idem, p. 339). Eles constituíam verdadeiras cortes e estabeleceram dinastias; quando um deles morria, não raro aconteciam disputas pelo título e pelos bens, que muitas vezes não eram poucos, dignas de romances palacianos. Algumas dessas dinastias ainda hoje são atuantes no chassidismo, como a Lubavitch, muito ativa em muitas comunidades judaicas, Ger, que está na base do partido Agudat Israel e Satmar, conhecidos por sua forte oposição ao sionismo.

Os tzadikim, além da liderança espiritual, foram personagens de uma infinidade de lendas e histórias que serviram para divulgar as doutrinas do chassidismo entre os judeus, principalmente da Polônia, Lituânia e Rússia. Essas histórias apareceram sempre na forma de anedotas e novelas que “deviam evitar não só o que é psicologia, mas também tudo o que é adorno” (BUBER, 1967, p. 15), para cumprir sua função. Além de personagens, eles foram grandes contadores de histórias, e, principalmente, anedotas, na denominação de Martin Buber “como relato de um único incidente que aclara um destino” (Idem, *ibidem*). Contar histórias sobre os tzadikim era um dos aspectos vitais do movimento chassídico.

Nessas histórias e anedotas são relatados milagres, feitos e frases dos tzadikim, mas também se contam aspectos cotidianos de suas vidas, misturando o espiritual ao mundano. Dessas lendas, Schwarz-Bart criou todo um conjunto de personagens, os Justos de Zémyock, que mistura os elementos mais elevados e espirituais do chassidismo com o mais profano e vulgar do tzadikismo. A narração da morte de Haim Lévy, tzadik de Zémyock, coloca na mesma cena um justo agonizante e sua corte apressada pela indicação do próximo tzadik, e o culpando por ter uma morte tão branda, em seu leito (SCHWARZ-BART, 1986, p. 28). Logo após revelar quem seria seu sucessor, o idiota da vila, ele olha para todos os que estão em

⁴ O chassidismo é um movimento do judaísmo ortodoxo que existiu em toda a história judaica e promove a espiritualidade. A vertente mais conhecida surgiu no séc. XVIII, com o Rabi Israel ben Eliezer, o Baal Shem Tov (Mestre do Bom Nome), em oposição ao judaísmo legalista e que promove a espiritualidade através da internalização do misticismo judaico. (cf. Gershon Scholem, *As Grandes Correntes da Mística Judaica*). É essa vertente do chassidismo que vai servir de influência para Schwarz-Bart.

volta de sua cama e diz sua última frase como quem encerra uma anedota chassídica “Sabem? Deus se diverte” (Idem, ibidem).

Os Tzadkim e suas lendas influenciaram sobremaneira Schwarz-Bart na composição de seus personagens e foi da configuração hereditária que eles assumiram enquanto líderes que ele tirou, usando de ácida ironia às vezes, um aspecto chave de seu romance, a transmissão hereditária da honra de ser um lamed-vaf. A criação de uma dinastia de justos, que não são somente chassidim, dá ao romance uma sustentação como vértice de um telhado amparado por colunas, é onde a narrativa se torna firme e sólida (KAUFMANN, 1976, p. 257). É esse aspecto da lenda criada por Schwarz-Bart que permite à narrativa atravessar um período tão extenso como faz o Último dos Justos. Nesse ponto, é a transmissão hereditária que dá a Schwarz-Bart a condição de demonstrar em seu romance que a história judaica, desde a Idade Média até a II Guerra foi pautada pela mesma violência. Através da passagem de pai para filho da condição de justo sofredor é que o romance consegue tecer em suas linhas as condições cotidianas da vida judaica que acabarão no extremo do genocídio nazista.

Os Lamed-Vav Tzadikim

Os Tzadikim influenciaram Schwarz-Bart profundamente na criação de seus justos, mas eles não são uma dinastia chassídica, eles são Lamed-Vavnik⁵. Como já exposto acima, esse tipo de tzadik “não se distingue dos simples mortais” (SCHWARZ-BART, 1986, p. 5), qualquer um pode sê-lo, um balconista do supermercado, o flanelinha, o vizinho ou a bibliotecária. Segundo a tradição eles seriam trinta e seis e em suas mãos está o destino do mundo.

Essa lenda é muito conhecida do folclore judaico, mas, ao contrário da ideia de tzadikim, que é comum a todo o judaísmo, os lamed-vavnik são restritos ao folclore dos judeus ashkenazitas da Europa Oriental. Ao contrário do apresentado no romance, essa lenda não é muito antiga, seu registro escrito não ultrapassa o séc. XVIII, não sendo encontrada na literatura edificante da Idade Média, nem nos textos rabínicos posteriores. Apesar de não comprovada ela pode ser anterior a esses períodos, sendo transmitida oralmente ou escrita em textos que não chegaram até nossos dias (SCHOLEM, 1994, p. 50).

Essa lenda parte de uma ideia central no judaísmo, a conservação do mundo. Os trinta e seis justos ocultos sustentariam o mundo com suas existências e a falta de um deles impediria o mundo de continuar. Essa ideia vem do conceito de que o homem participa ativamente da

⁵ Plural de lamed-vav (למדי-וויניך) em yidish.

Criação, Deus cria o mundo, mas é a ação humana que possibilita que ele continue existindo. Tradicionalmente, o mundo está em equilíbrio e tudo é posto em questão a cada instante pela conduta humana. Por isso existem os justos, para garantir que o mundo continue, pois eles são os pilares que o sustentam⁶. Outras ações humanas garantiriam a existência do mundo. Em vários comentários da Torah ou de outros livros do judaísmo encontramos citações de sábios e rabinos sobre ações do homem sobre as quais o mundo repousaria, como no Tratado Pirkê Avot (Ética dos Pais) “Simeão, o justo, um dos membros da grande Sinagoga dizia que o mundo se mantinha sobre três bases: a Lei Divina, o culto e a caridade” (Pirkê Avot, cap. I, v. II), e “Rabbi dizia: o mundo repousa sobre o respiro das crianças da escola (que estudam a Torah)”(shabat 119b).

Portanto, o justo desempenha um papel importante no “drama cósmico” da existência (KAUFMANN, 1976). Schwarz-Bart conserva a ideia do drama ao escolher uma criança como herói (tanto Ernie Lévy, o último justo, como Salomão, o primeiro, são crianças e, a partir deles que toda a narrativa se desenvolve), é a criança e o justo, sendo ambos os símbolos da pureza e inocência, que fazem a “balança pender para o lado do bem” (Idem, p. 265). Segundo a tradição, os lamed-vavnik são nistarim, ou seja, ocultos, e ocultos de si mesmos. Schwarz-Bart dá à lenda uma nova versão, os seus lamed-vavnik não são ocultos, eles sabem o que são, essa condição lhes é passada de pai para filho e esta “renovação” da lenda rendeu a ele acusações de desconhecimento da cultura judaica que ele tenta reproduzir em seu romance.

Impelido pelo lançamento de *O Último dos Justos* e pelo sucesso por ele alcançado, Gershom Scholem escreveu um artigo sobre a lenda dos Lamed-vav e nele afirma a “dimensão extremamente criativa” (SCHOLEM, 1994, p. 47) que Schwarz-Bart dá a lenda e faz uma análise do seu aparecimento na cultura judaica exaltando sua popularidade e explicitando a falta de estudos sobre uma lenda tão popular do folclore e entre os escritores judeus do sec. XIX. Scholem aponta que “como romancista, Schwarz-Bart não está preso às convenções dos eruditos e pode dar livre curso à imaginação especulativa” (Idem, ibidem). A falta de estudos sobre tema também é apontado por Francine Kaufmann (1976) que aponta o texto de Scholem como um dos únicos sobre o assunto.

⁶ Tratado de Yomah, 38b. Esta ideia está presente em inúmeros textos do Talmud e Cabala como o tratado Yomah 38b, no Sefer Há Bahir etc. Em sua tese de doutorado sobre o Último dos Justos, Francine Kaufmann explora a trajetória da lenda dos lamed-vavnik e da apropriação que Schwarz-Bart faz dela. Todas as citações de tratados talmúdicos ou textos cabalísticos aqui expostos foram tirados de seu estudo, com a exceção do Pirkê Avot (פרקי אבות).

Com tamanha falta de estudos, Schwarz-Bart não encontrou referências sobre os lamed-vavnik em outros lugares que em notas de edição e notas de rodapé de outras obras e o que muitos alegaram ser desconhecimento Scholem chamou de livre curso à imaginação.

O justo sofredor

Ao apresentar a lenda, o narrador do romance discorre sobre os tipos de tzadikim, mas não afirma que os Lévy eram nistarim, mas apenas diz que, de todos os justos ocultos, eram os mais dignos de misericórdia, pois “Para esses, o espetáculo do mundo é um indizível inferno”. A lenda dos Lamed-vav de *O Último dos Justos* não é uma transposição integral da lenda do folclore onde “longe de serem conhecidos como receptáculos da dor, se caracterizam por seus poderes secretos, seus méritos ocultos, sua humildade, sua sabedoria” (KAUFMANN, 1976, p. 292)⁷, o sofrimento não faz parte da lenda.

Este elemento novo que Schwarz-Bart adiciona à lenda popular foi fonte de muitas interpretações cristianizantes do romance que viam no sofrimento do herói um paralelo à Paixão de Cristo (Idem, p. 295), que causaram reações contrárias ao livro em muitos intelectuais judeus na época de seu lançamento. Segundo Kaufmann, essas reações foram suscitadas por uma mudança na percepção que os judeus tinham de si mesmos: os judeus de hoje refutam o sofrimento (Idem, p. 291).

Mas o sofrimento que Schwarz-Bart incrusta em seus personagens não é estrangeiro ao povo judeu, ele tentou em seu romance traduzir a alma de uma civilização que desapareceu, a dos judeus da Europa Oriental, mas para isso ele voltou mais longe no tempo para inserir na história toda a história das comunidades judaicas da Europa que foram perseguidas desde as Cruzadas. Ele escreve em resposta às inquietações dos internos dos orfanatos judaicos onde trabalhou, que se sentiam envergonhados de seus pais, avós e vizinhos terem sido mortos como cordeiros no abatedouro. Ele escolheu não escrever sobre os heróis e seus atos grandiosos, mas sim, sobre o judeu comum, desarmado cuja dignidade deveria ser restaurada.

O mito dos Lamed-vav só pode ser compreendido se sobrepormos os dois destinos que se apresentam já no prólogo do romance: a história das comunidades judaicas da Europa desde as Cruzadas e a da família Lévy, escolhida para abrigar um justo por geração. A vida dos Lévy seria a exemplar do seu povo: “o que acontece aos Lévy, lhes acontece tanto como judeus como Lamed-vav” (KAUFMANN, 1976, p. 294)⁸.

⁷ “Loin d’être connus comme réceptacles de la douleur, se caractérisent par leurs pouvoirs secrets, leurs mérites cachés, leur humilité, leurs connaissances”. Tradução nossa.

⁸ “Ce qui arrive aux Lévy leur arrive en tant que Juifs et en tant que Lamed-vav”. Tradução nossa.

Algumas passagens do Talmud apontam para a noção do justo como “bode expiatório”⁹ como em “da mesma forma que as montanhas dominam o abismo para que ele não se eleve e esvazie o mundo, os justos retêm as catástrofes para que elas não se abatam sobre o mundo” (Bereshit Rabba XXXIII)¹⁰; ou este trecho que aponta o sofrimento físico de um justo como benéfico para a comunidade: “Rabi Yosef Bar Avin dizia: durante os treze anos que Rabbi sofreu dos dentes, nenhuma mulher grávida fez um aborto espontâneo e todos os nascimentos foram abençoados.” (Bereshit Rabba XXXIII)¹¹. Estes textos confirmam a ideia longamente desenvolvida de que a presença dos justos é benéfica para o conjunto da humanidade, além de apresentar a noção de “sofrimento para-raios” (KAUFMANN, 1976, p. 296), que se abateria sobre uma pessoa, um justo, para que a comunidade fosse poupada.

Uma das estratégias usadas pelos rabinos e sábios para conseguir tirar lições dos textos sagrados é fazê-lo interpretando a proximidade de dois episódios da Bíblia. Os episódios da Vaca Vermelha e da morte de Miriam renderam aos talmudistas uma lição sobre expiação e vida dos justos, como explica Kaufmann, respaldada pelo tratado Moed Katan XXVIII¹²:

O princípio de “sofrimento para-raios” é deduzido da Bíblia pelo método que consiste em tirar lições da proximidade de dois episódios. Então, o livro de Números narra a morte de Miriam (a irmã de Moisés) imediatamente após das leis concernentes à vaca vermelha (cujas cinzas permitiam a purificação do pecador).¹³ (KAUFMANN, 1976, p. 926).

Dessa forma, a ideia de sofrimento se mostra não ser estranha ao judaísmo, nem a de expiação. Então, Schwarz-Bart não traz para a sua lenda um elemento estrangeiro e completamente estranho ao povo que ele quis recompor em seu romance. O sofrimento que ele adiciona à lenda dos Lamed-vavnik, embora não sendo constitutiva da lenda original, não anula sua presença na ideia de tzadikim.

Mesmo dentro do chassidismo, pelo seu papel de mestre e conselheiro, o tzadik divide com seu povo, espiritualmente, seu sofrimento, ele o toma sobre si. É abundante o número de

⁹ Francine Kaufmann a expressão “juste paratonnerre” (justo para-raios) para evitar a expressão bode expiatório, p. 296.

¹⁰ Traduzido do hebraico por Kaufmann, 1976. “De même que lès montagnes dominant l’abîme afin qu’il ne s’élève pas et n’évahisse le monde, de même les Justes retiennent les catastrophes afin qu’elles ne s’abattent sur le monde”. Tradução nossa.

¹¹ Também traduzido do hebraico por Kaufmann, 1976. “Rabbi Yosef bar Avin disait: Durant lès treize ans où Rabbi souffrit des dents, aucune femme enceinte n’a fait de fausse couche et toutes les naissances furent bénies”. Tradução nossa.

¹² Moed Katan é um tratado do Sêder Moed, que trata dos primeiros e últimos dias das festas de Pessach e Sucot e das festividades menores do judaísmo. O trecho que respalda Kaufmann é “(A vaca vermelha produz a expiação dos pecados, o que se iguala à morte de um justo.)”

¹³ Cf. Números cap. XIX e XX.

anedotas chassídicas. Sobre esse tema, Arnold Mandel recolheu uma emblemática sobre o fundador do Chassidismo:

Assim falam que o Becht podia quando ele rezava ele podia estremecer os mundos inferiores e superiores: ele se enrolava em seu tallit¹⁴ e por longas horas, se carregava com o sofrimento e a morte de seu povo. No dia em que um Mitnagd¹⁵ se irritou de ver que o Becht prolongar sua prece, ele ergueu um canto do tallit: “imediatamente ele perdeu a consciência e foi preciso reanimá-lo”. Sobre o chalé, o rosto do Becht era o de um “cadáver sem alma”. Os olhos estavam petrificados, mas as lágrimas escorriam. O corpo estava imóvel, sem movimento, nem ondas, parecido ao de um golem.¹⁶ (MANDEL, 1963, p. 133-134)¹⁷

Outras anedotas versam sobre tzadikim que foram cobertos de chagas e tumores por terem tomado sobre si o peso de expiar as faltas de Israel¹⁸. Mesmo parecendo uma influência do cristianismo, e mesmo o sofrimento dos tzadikim ter um aspecto redencionista que o transforma em mediador indispensável à saúde do povo, ao contrário do cristianismo, que tem no sofrimento e na morte de Jesus um lugar fundamental na redenção dos cristãos, os chassidim nunca colocaram esse sofrimento em primeiro plano (KAUFMANN, 1976, p. 302).

André Schwarz-Bart cria uma história para tentar resgatar a dignidade de um povo arrastado para a morte e transformado em cinzas pelo nazismo. A cultura yidish, da qual ele é herdeiro, foi completamente destruída pela Shoah, não deixando mais que histórias. Os judeus da Europa Oriental foram conduzidos como rezes ao matadouro e todo o espaço que ela ocupou foi destruído, nenhum shtetl¹⁹ foi poupado. Para dar conta de inscrever tamanha violência em seu romance, ele inscreve um período muito maior de tempo, não deixando de fora de sua narrativa nem um momento da história dos judeus na Europa desde o início dos massacres realizados pelos primeiros cruzados e das perseguições incentivadas pelas autoridades da Igreja. Sua narrativa cobre a Inquisição, as perseguições dos príncipes alemães, os pogroms, as distinções, expulsões e conversões forçadas.

¹⁴ Tipo de xale usado pelos judeus durante as orações.

¹⁵ Judeus ortodoxos que se opunham ao chassidismo.

¹⁶ Golem é um ser sem alma, feito em argila e animado através de palavras mágicas, completamente subordinado ao seu criador.

¹⁷ “Ainsi on rapporte que le Becht pouvait lorsqu’il priait, bouleverser les mondes inférieurs et supérieurs : il s’envelopait dans son talith et durant de longues heures, se chargeait de la souffrance et de la mort de son peuple. Un jour qu’un Mitnaguèd s’irritait de voir le Becht prolonger sa prière, il souleva un coin du talith : “Aussitôt il perdit connaissance e il fallu le ranimer”. Sous le châlè, le visage du Becht était celui d’un “cadavre sans âme”. Les yeux étaient pétrifiés, mais de larmes ruisselait. Le corps était immobile, sans mouvement, ni ondes, semblable à celui d’un golem”. Tradução nossa.

¹⁸ Cf. BUBER, 1967.

¹⁹ Vilarejo ou subúrbio comum nos países da Europa Oriental que tinham população predominantemente judaica. Foi nesses vilarejos que a cultura yidish se desenvolveu.

Toda a história dos judeus é contada através da história de uma família, os Lévy, que receberam o privilégio de ter um dos trinta e seis Lamed-Vav a cada geração. Para sustentar o edifício de seu romance e dar unidade à narrativa e, ao mesmo tempo, dar voz a todos os que nunca puderam contar suas histórias e que tem em comum a história de perseguições e sofrimentos, Schwarz-Bart amalgama vários elementos da cultura judaica e cria um novo mito, misturando lenda popular, um tipo de líder religioso e um aspecto que não está ligado a eles comumente, o sofrimento. Ele cria um novo mito, particular, cuja única ligação com o mito inspirador é a sustentação do mundo. O aspecto hereditário do “privilégio” une todas as partes do romance e todas as fases da história judaica a que eles se relacionam. Dessa forma, a cadeia de sucessão de justos liga inevitavelmente o primeiro massacre narrado no livro, o da torre de York ao último e maior massacre dos judeus, o ocorrido nos campos de extermínio nazistas. Schwarz-Bart coloca através de seu mito particular toda a judeidade europeia num trem que parte da Idade Média com destino à plataforma de desembarque de Auschwitz.

Bibliografia:

BUBER, Martin. **Histórias do Rabi**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

FRIDLIN, Jairo (Org.) פרקי אבות - Pirkê Avot, in **Sidur completo**. São Paulo: Editora Sêfer, 1997.

KAUFMANN, Francine. « **Le Dernier des Justes** » d'André Schwarz-Bart. **Genese – Structure – Signification**. 1976. 450f. Tese (doutorado). Université de Paris X – Nanterre. Paris.

MANDEL, Arnold. **La Voie du Hassidisme**. Calmann-Lévy, 1963.

SCHOLEM, Gershom. Os Trinta e seis Justos Ocultos na Tradição Judaica. **O Golem, Benjamin, Buber e outros Justos: Judaica I**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **As Grandes Correntes da Mística Judaica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SCHWARZ-BART, André. **O Último dos Justos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

תורה – **Torá, a Lei de Moisés**. Tradução: Meir Matzliah Melamed. São Paulo: Editora Sêfer, 2001.

WASSERMAN, Adolpho (trad.). **O Livro dos Provérbios**. São Paulo: Maayanot, 2003.